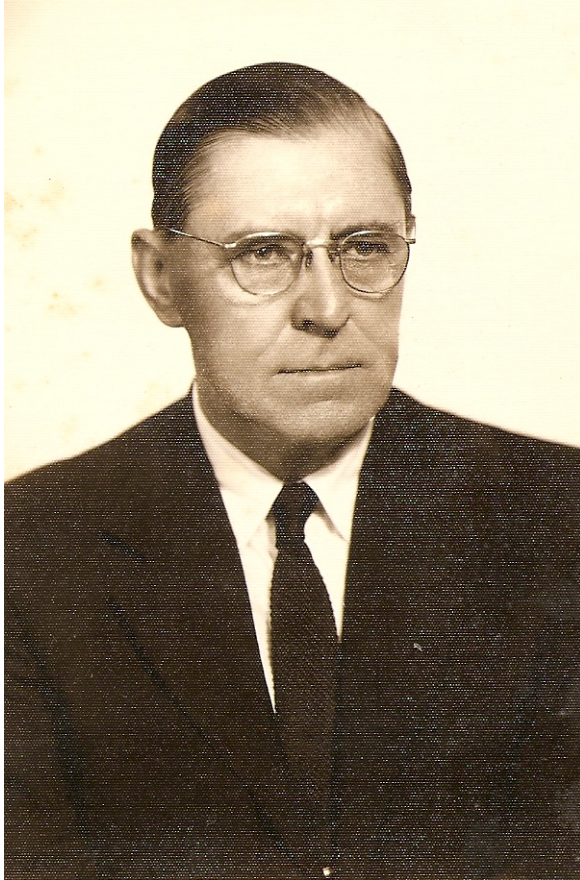


METODOLOGIA TEOLÓGICA CRISTÃ

Dr. Reynaldo Purim, Ph. D.



Pr. Dr. Reynaldo Purim

Contato:
João Reinaldo Purin
jrpurin2008@gamil.com

METODOLOGIA TEOLÓGICA CRISTÃ

Dr. Reynaldo Purim

Roteiro – N° 1

- 1 – Teologia como a ciência da religião.
- 2 – Noções de tipos de conhecimento
- 3 – Noção de método científico e da sua aplicação na formação da Teologia.
- 4 – Natureza essencial do método científico.

I – Relação entre a Teologia Cristã e outras ciências.

- 1 – O lugar da Teologia na classificação das ciências.
- 2 – Os métodos das ciências naturais na interpretação teológica.
- 3 – O método das ciências morais e sociais na interpretação teológica.
- 4 – As relações de causalidade entre fatos históricos.

II – O método teológico propriamente dito.

- 1 – Aspectos particulares e universais das experiências religiosas.
- 2 – Aspectos peculiares da interpretação teológica.
- 3 – Interpretação de princípios universais.
- 4 – Interpretação de experiências históricas ou particulares.
- 5 – Relações lógicas entre objetos básicos da experiência religiosa.

III – Natureza da verdade teológica.

- 1 – Aspecto axiomático e racional da verdade metafísica.
- 2 – Aspecto ético e normativo da verdade teológica.
- 3 – Critério para julgar uma interpretação teológica.

Roteiro N° 2

Teologia como ciência da religião.

I – Noções Preliminares

1 – Tipos de conhecimento:

- a) Conhecimento empírico.
- b) Conhecimento científico.
- c) Conhecimento filosófico.
- d) Conhecimento teológico.

2 – Fases na aquisição de conhecimento:

- a) Aceitação da autoridade dos outros.
- b) Uso do raciocínio próprio.
- c) Sistematização do conhecimento.
- d) Exposição ou propagação do conhecimento.

3 – Tipos de raciocínio:

- a) Raciocínio dedutivo.
- b) Raciocínio Indutivo.
- c) Raciocínio misto.

4 – Natureza essencial do método científico:

a) Fatos em estudo é o método científico.

Definição ou conceituação de fatos.

Pesquisa motivada por problemas definidos.

Análise dos fatos através da pesquisa.

b) Hipóteses e o método científico:

Hipóteses sugeridas pela matéria em estudo.

Necessidade de hipóteses para orientar a pesquisa.

Hipóteses como sugestões de possíveis relações entre os fatos.

Hipóteses a dependência da imaginação.

Função da matemática entre hipóteses alternadas.

....Caráter relativo das hipóteses.

c) Evidência e o método científico:

Deficiência da certeza psicológica.

Possibilidade de dúvidas.

Possibilidade de modificar teorias.

Relatividade da verificação.

d) Lugar do sistema no ideal da ciência:

Limitações do senso comum.

Mudanças em teorias como sinal de progresso.

Inter-relação entre proposições dadas como verdadeiras.

Predomínio de proposições sistematizadas sobre as isoladas.

e) Natureza corretiva do próprio método científico:

Ciência como processo de correção própria.

Afirmação de proposições mediante seleção repetida.

Apelo alternativo de fatos para princípios e vice-versa.

5 – Aspectos práticos do método científico.

II - ?

III – Relação da Teologia com as Ciências:

1 – Teologia na classificação das ciências.

2 – Dependência da Teologia de conhecimentos científicos.

IV – Métodos das ciências necessárias à Teologia:

1 – Método da história como campo ou fundo da Teologia.

2 – Método da psicologia para o estudo da experiência religiosa.

3 – Método das ciências naturais para o estudo de aspectos biológicos e físicos da experiência religiosa.

4 – Método da matemática ou do raciocínio dedutivo na interpretação de experiências particulares à luz de princípios universais.

V – O Método da Teologia propriamente dito:

1 – A Revelação de Deus como ponto de vista e não o raciocínio do homem.

2 – A História interpretada como campo de atuação e revelação divina

3 – Aspectos positivos e normativos da Teologia.

4 – Aspecto duplo: individual e geral, da experiência religiosa.

5 – Ponto de vista da atuação divina e não humana.

6 – Caráter individual e universal da Teologia.

7 – A Teologia como interpretação das origens divinas de todas as coisas.

8 – Subjetividade e objetividade do método da Teologia.

9 – A Teologia como interpretação objetiva d revelação de Deus entre outros homens na história.

10 – Objetivo do método da Teologia: Conhecer a revelação de Deus e tornar Deus conhecido através da experiência e imagem pessoal do indivíduo

VI – Atitudes necessárias para o Estudo da Teologia.

= 0 =

Método das ciências naturais.

1 – Revelação dada através dos princípios e leis que regem os pensamentos da vida e da matéria.

2 – Para distinguirmos o milagre da experiência natural.

3 – Precisamos conhecer as leis biológicas, químicas e físicas.

4 – Para o leigo nas ciências naturais tudo é milagre ou nada é milagre.

Método das ciências matemáticas.

1 – Dedutivo.

- 2 – Absolutamente racional e de aplicação universal.
- 3 – Interpretação do significado prático das leis naturais gerais para casos particulares.
- 4 – Análise de axiomas ou leis indutivas.
- 5 – Certeza está na lógica, como está na própria verdade.

- 0 -

METODOLOGIA TEOLÓGICA CRISTÃ

Dr. Reynaldo Purim

I – Introdução – Teologia como a ciência da religião.

Teologia, como interpretação científica da experiência religiosa ou das relações do homem com Deus e com a coletividade, é uma necessidade deste mesmo homem como ser espiritual, racional e social. Sendo espontâneas, as expressões religiosas do homem revelam o que ele é em si como um todo, no sentimento, pensamento e vontade. Nestas expressões visam satisfazer as necessidades inatas do homem como indivíduo e como ser social. Ele atua como religioso não somente no sentimento, mas também no raciocínio. Procura interpretar o seu sentimento e experiência para satisfazer tanto a sua própria natureza racional como também a coletividade do qual faz parte.

A interpretação da sua natureza e expressões religiosas não é somente uma necessidade do homem, mas é também a sua tarefa para cujo cumprimento depende do seu próprio esforço e de um método adequado. A compreensão racional não acompanha a experiência empírica do homem automaticamente. Isto se verifica em qualquer campo da experiência ou conhecimento, inclusive o religioso. O próprio homem precisa interpretar as suas experiências empíricas. Ele é caracterizado por uma sede inata de saber ou de compreender racionalmente as causas e finalidades destas mesmas experiências. A satisfação desta sede depende do próprio homem. É tarefa que ele precisa cumprir por sua própria vontade e iniciativa e na base dos

princípios da racionalidade também inatos nele. Precisa fazê-lo para uma satisfação própria e também como exigência da sociedade.

A Teologia, como interpretação racional da religião, portanto, é obra do homem. O seu método precisa ser objetivo ou científico para satisfazer o raciocínio próprio e da coletividade em matéria de causas e efeitos imediatos o método precisa ser também subjetivo ou filosófico, como expressão do homem como indivíduo. Ele precisa relacionar a sua experiência religiosa com as outras formas de experiência e de conhecimento que possua. Teologia, embora seja inicialmente uma interpretação individual ou testemunho pessoal, precisa ser também objetiva e impessoal para ser aceitável para o raciocínio da coletividade. Para ter valor ético e universal, a teologia precisa estar relacionada ou coordenada também com a verdade conhecida nas outras esferas da experiência do homem. A teologia não pode estar separada, nem pode estar em conflito com a ciência e filosofia que também procuram interpretar a experiência do homem. Em última análise, a teologia não apenas a ciência da religião; é também a interpretação científica da vida religiosa do homem como um todo e em todas as suas relações, feita pelo homem como indivíduo para a satisfação sua e da coletividade.

II – Noções Preliminares.

1 – **Tipos de conhecimento** – Para o estudo do método da teologia ou para a observação do método científico na interpretação de assuntos teológicos, precisamos focalizar primeiro as distinções entre os vários tipos de conhecimento. Estamos interessados aqui apenas nos métodos destes tipos e não, necessariamente, na sua matéria. O nosso objetivo aqui é estudar o método para uma interpretação adequada da religião cristã, a teologia depende forçosamente dos métodos de outras ciências, embora não se limite aos mesmos em virtude do caráter especial da sua matéria. Para focalizarmos o método especial da teologia precisamos, pois, definir ou caracterizar logo de início em termos gerais os vários tipos de conhecimento e os seus respectivos métodos, como sejam: conhecimento empírico, científico, filosófico e teológico. Vejamos agora cada um separadamente.

a) **Conhecimento empírico.** É o conhecimento que recebemos das coisas através da experiência casual ou do convívio com as mesmas e do seu significado prático. O conhecimento empírico baseia-se apenas na experiência sensível e não no raciocínio. É o conhecimento imediato que temos das coisas e dos fenômenos que se verificam no universo físico sem, todavia, podermos explicar as suas causas e processos. O conhecimento empírico, certamente, é prático das coisas, mas não nos capacita para as explicarmos racionalmente. Também o nosso conhecimento religioso básico, ou as primeiras experiências religiosas são essencialmente empíricas sem uma interpretação racional de suas causas e processos. O nosso conhecimento religioso deixa de ser apenas empírico quando chegamos a interpretá-lo em termos racionais, ou quando formamos uma doutrina ou teologia da nossa experiência religiosa.

b) **Conhecimento Científico.** É o conhecimento que começa ou que se baseia no conhecimento empírico e o procura substituir. É a explicação objetiva das experiências empíricas. O conhecimento científico é o que foi procurado e alcançado deliberadamente por métodos adequados. Pelo conhecimento científico podemos explicar as nossas experiências em termos de suas causas e efeitos imediatos. O conhecimento científico baseia-se, em fim, em leis ou princípios que regem o universo físico e a vida humana. O conhecimento científico nos capacita a repetir e a predizer fenômenos e experiências físicas; é o conhecimento que nos dá domínio sobre os recursos que há no universo físico. Pelo conhecimento científico o homem aumenta o alcance dos seus sentidos físicos e das operações práticas de inteligência com os recursos que ele encontra no universo físico.

c) **Conhecimento filosófico.** Historicamente, as pesquisas filosóficas precederam a formação das ciências. À semelhança do conhecimento científico, também o filosófico se baseia nas experiências ou no conhecimento empírico, vindos através dos sentidos físicos. A Filosofia, todavia, não se limita ao escopo do conhecimento científico. Ao invés de procurar interpretar apenas as causas imediatas dos fenômenos, a filosofia procura também conhecer as causas primárias. O conhecimento filosófico é essencialmente racional ou metafísico.

Transcende as experiências físicas. Procura conhecer as coisas em si e não apenas os seus fenômenos. O filósofo observa os fenômenos ou as experiências empíricas e procura descobrir suas causas remotas e finalidades. Por meio da sua imaginação ele forma hipóteses ou interpretações provisórias que geralmente ele expressa em termos simbólicos ou religiosos. Quando filósofo chega a provar a veracidade de uma hipótese, ou quando pode enunciar uma lei física e repetir fenômenos, então este conhecimento comprovado torna-se um conhecimento científico.

Devido ao seu método de pesquisa e os conhecimentos por ela alcançados, a filosofia tem sido chamada de “mãe das ciências” ou “a ciência das ciências”. O conhecimento filosófico tende para universalidade. Pesquisa tudo, enquanto as ciências se limitam a campos ou assuntos particulares e cada vez mais restritos, estudando apenas causas e efeitos imediatos. A Filosofia procura ainda unificar em um sistema coerente as ciências que ela mesma criou, estabelecendo entre elas as relações de significado em termos de causa e efeito. As ciências sem a filosofia não têm unidade ou significado vital entre si; são como corpo sem alma. Por outro lado, também a filosofia sem as ciências é como alma sem corpo. Na unificação das ciências o conhecimento filosófico é subjetivo ou pessoal representa a atividade ou obra do filósofo como indivíduo e do seu próprio ponto de vista. A Filosofia procura interpretar ainda a finalidade ou a utilidade das coisas ou do seu conhecimento como ciência. O conhecimento filosófico é normativo para a vida humana.

d) Conhecimento teológico. Em matéria de método precisamos focalizar aqui a diferença entre a teologia propriamente dita, baseada na revelação divina, e a teologia natural ou filosófica baseada apenas no raciocínio. No presente estudo tratamos da teologia propriamente dita. O conhecimento teológico aqui estudado baseia-se na revelação divina como experiência e autoridade que é aceita pela fé. A aceitação de sua matéria ou a experiência religiosa não depende, necessariamente, de uma demonstração racional. A teologia propriamente dita certamente é racional, pois estuda a experiência empírica que pode ser interpretada em termos objetivos ou racionais. Assim como a religião é universal,

assim também o conhecimento teológico é essencialmente universal. Visa interpretar a experiência humana como um todo e em todas as suas relações e a interpreta do ponto de vista da revelação divina e não do ponto de vista do homem como o faz a filosofia, por exemplo. O teólogo procura unificar e interpretar todas as coisas não do seu próprio ponto de vista pessoal, mas sim do seu autor. No conhecimento teológico, embora o sistema de interpretação seja obra humana ou do próprio teólogo, a sua interpretação, porém, visa apresentar, em última análise, a verdade revelada por Deus.

2 – Fases da aquisição do conhecimento. No estudo do método científico para fins teológicos, precisamos conhecer também os passos progressivos pelos quais adquirimos os tipos de conhecimento acima referidos. Em matéria de método científico, a teologia, como ciência da religião, não difere das outras ciências. As fases na aquisição de todo conhecimento científico são as mesmas, como sejam: pesquisa, sistematização e a exposição da verdade. O êxito na pesquisa e sistematização se revela e se completa na transmissão ou propagação da verdade demonstrada. Vejamos agora estas fases separadamente.

a) O nosso conhecimento da verdade inicialmente depende de aceitarmos o conhecimento transmitido pelos outros e baseado na sua autoridade. Cada indivíduo precisa começar com aquilo que lhe é transmitido pelos outros. Ninguém poderá começar qualquer pesquisa sem aceitar primeiro fatos e interpretações apresentados pelos outros. Esta é a primeira fase na pesquisa da verdade – a fase da autoridade, ou a aceitação pela fé dos fatos e interpretações transmitidos pelos outros. Esta fase se verifica em qualquer campo de conhecimento. O conhecimento depende inicialmente daquilo que vem dos outros. Sem esta dependência o indivíduo nem poderia iniciar a sua vida mental.

b) Na pesquisa da verdade, todavia, não podemos nem devemos nos limitar somente ao conhecimento que recebemos dos outros. Certamente isto é necessário e mesmo imprescindível, mas não é tudo. Para realmente conhecermos a verdade, mesmo a recebida dos outros, precisamos também conhecê-la por nós mesmos ou através da nossa própria atividade racional. Precisamos tornar nosso o conhecimento que recebemos dos outros. O conhecimento empírico, por exemplo, que

recebemos dos outros não nos satisfaz. Para ser válido para nós, este conhecimento precisa passar pela nossa subjetividade. Do contrário, ele não nos pertence inteiramente; não faz parte da nossa personalidade. O que foi nos transmitido pelos outros precisa ser aceito por nós mesmos para ter significado vital para nós. Além de recebermos o conhecimento através do nosso raciocínio, precisamos recebê-lo também pelo processo imediato ou pela intuição. O raciocínio baseado nas leis da lógica só opera na esfera de relações impessoais ou da necessidade metafísica e não opera plenamente no terreno das relações pessoais ou éticas. Para finalidades éticas o nosso conhecimento precisa ser direto, axiomático, aceito pela intuição pessoal. O conhecimento da verdade, pesquisada e demonstrado pelo método científico, visa finalidades que transcendem o escopo ou os limites do próprio conhecimento científico.

A pesquisa da verdade através do raciocínio e a sua posse axiomática pela intuição, depende ainda da nossa tenacidade, perseverança ou empenho pessoal. Nem sempre o significado das coisas está na superfície da nossa experiência sensível, nem sempre pode ser discernido pela inferência imediata. Nos seus aspectos vitais e universais a verdade precisa ser pesquisada não somente através dos processos racionais ou com os recursos da lógica, mas precisa ser buscada também pela força da nossa vontade e com todos os poderes da nossa personalidade. O progresso no conhecimento da verdade exige esforço por parte do homem como um todo. Para progredir ou para ser criativa a pesquisa da verdade precisa ser voluntária, tenaz, e uma obra não só individual, mas também coletiva ou cooperativa. Isso se verifica em qualquer campo do conhecimento: científico, filosófico e teológico.

b) Sistematização da verdade. Na pesquisa da verdade baseada em experiências particulares a outra fase do método científico é a classificação das experiências e dos conhecimentos específicos demonstrados e dos princípios operantes estabelecidos. Esta visa a formação de sistemas de interpretação. A sistematização da verdade faz parte do método científico. Através da classificação e sistematização de experiências, chegamos à compreensão das causas imediatas e mediatas, dos processos dessas experiências e das finalidades do conhecimento da verdade que transcendem, enfim, os limites da ciência e que nos levam

aos aspectos filosóficos da aquisição e do significado pessoal da verdade.

c) Exposição e propagação da verdade. O método científico não termina na pesquisa e sistematização da verdade em termos de leis objetivas que regem o universo e a vida do homem. A finalidade do conhecimento não está em apenas possuir a verdade. O método científico inclui também a exposição da verdade ou a sua propagação. Há diferença entre o método do raciocínio, ou da lógica usado na pesquisa e aquisição da verdade e o método didático usado na propagação da verdade. Aquele apenas pesquisa e descobre a verdade, ao passo que este a expõe e leva também os outros a descobri-la por si. O método científico visa não somente a pesquisa da verdade e sua sistematização. Visa também fazer dos recipientes da verdade descobridores de novos significados práticos dessa mesma verdade. A exposição didática não só transmite conhecimentos sistematizados, mas também desperta e dirige a pesquisa por parte de quem os recebe. Este é o objetivo do método científico que faz do homem não só recipiente da verdade, exposta por terceiros, mas também o capacita a descobrir a verdade por si. Não basta que o estudante de matemática, por exemplo, receba e aplique teoremas estabelecidos por terceiros; ele mesmo precisa tornar-se capaz de demonstrá-los e de estabelecer outros teoremas, tornando-se assim fator de progresso no conhecimento da matéria, o que é o objetivo essencial na exposição da verdade.

3 – Tipos de raciocínio. O presente estudo visa principalmente os aspectos práticos do conhecimento e não, necessariamente, os aspectos críticos ou epistemológicos. Visamos a sua aplicação na interpretação de assuntos teológicos. Pretendemos examinar o processo do raciocínio nos aspectos pelos precisamos adquirir e desenvolver o conhecimento teológico. Em outras palavras esperamos examinar as noções da lógica e os processos do raciocínio para fins práticos e teológicos sem abordar, necessariamente, a teoria do conhecimento em si. A matéria da metodologia teológica realmente pressupõe o conhecimento dos elementos da lógica e de filosofia relativo aos tipos de raciocínio descritos que são essenciais à interpretação teológica. Limitamos, pois,

o estudo do assunto à simples definições ou enunciados a título de recordação.

Para formarmos uma interpretação no campo da teologia ou em qualquer outra ciência, precisamos distinguir entre os métodos ou tipos de raciocínio usados na pesquisa e demonstração da verdade. Mencionamos aqui os tipos básicos do raciocínio ou processos pelos quais pesquisamos a verdade e suas aplicações práticas. É o raciocínio dedutivo, indutivo e o misto, ou a fusão dos dois ou o método científico. Examinemos agora estes tipos separadamente.

a) **Raciocínio dedutivo.** Este é chamado também de “analítico” ou “ontológico”. Esta parte do geral, da verdade já conhecida e possuída para as aplicações práticas ou particulares desta mesma verdade. É o raciocínio analítico e o mais simples. Usamos este tipo quando não buscamos propriamente novos conhecimentos, mas quando apenas analisamos e procuramos compreender melhor as implicações da daquilo que já conhecemos. Na dedução procuramos apenas novas aplicações da verdade. A interpretação dedutiva analisa aquilo que já possuímos em princípio. Partimos do conhecimento para as suas possíveis aplicações ainda desconhecidas. Dedução é método básico das ciências matemáticas em que analisamos ou deduzimos o que está implícito no axioma, ou na verdade demonstrada e aceita como conclusão lógica. O raciocínio dedutivo é essencial também na teologia quando precisamos interpretar a revelação divina dada em forma de princípios ou leis e cuja aplicação prática precisamos achar por nós mesmos. A dedução não visa descobrir a verdade senão as suas aplicações práticas como necessidade lógica. Na pesquisa dedutiva e descobrimos as aplicações da verdade que recebemos em forma de princípios ou leis enunciadas.

b) **Raciocínio indutivo.** Este é chamado também de “sintético” e “psicológico”. O raciocínio indutivo parte de casos ou experiências particulares e busca seus princípios ou leis; parte dos efeitos conhecidos como experiências para as suas causas ainda desconhecidas. É o raciocínio por excelência das ciências naturais que estudam fenômenos, que se verificam no universo físico e que percebemos através dos nossos sentidos, visando determinar as origens ou causas desses

mesmos fenômenos. O raciocínio indutivo é usado também na interpretação dos fenômenos sociais verificados na história. Visa determinar os princípios que regem os processos e diretrizes da vida humana. O método indutivo consiste em observar os fenômenos ou experiências causais, formar hipóteses, demonstrar as mesmas e enunciar as causas ou leis que regem estes mesmos fenômenos. Este método apresenta-se com limitações e problemas que será abordado mais adiante neste estudo.

O raciocínio indutivo é essencial também para o teólogo quando este procura interpretar, por exemplo, o significado da atuação de Deus na experiência de indivíduos ou de coletividades particulares, cujo significado transcende os limites daqueles que receberam esta mesma atuação, ou que visa ou pertence à humanidade toda. Para interpretarmos acontecimentos nas experiências dos homens como indivíduos ou de grupos e que, direta ou indiretamente, tornaram-se marcos na história, precisamos usar o raciocínio indutivo. Este método é chamado “psicológico”, pois parte da experiência particular; é chamado também de “sintético”, pois reúne e classifica experiências para descobrir nelas os princípios ou causas que as produziram. Este raciocínio é “indutivo”, enfim, pois é expressão da curiosidade e da originalidade criativa do cientista ou do teólogo que, mediante a sua imaginação, abstração e generalização, transcende os limites da experiência particular para interpretar as causas ou princípios e leis que transcendem o tempo e espaço externos que limitam os sentidos físicos.

e) **Método do raciocínio misto.** Este método é a combinação dos dois já estudados – dedutivo e indutivo. É o método “científico” propriamente dito. Nas ciências aplicadas não podemos, a rigor, separar entre a dedução e indução. Só fazemos a separação na lógica e isto para fins didáticos, mas não nas ciências aplicadas. O cientista interpreta, por exemplo, um determinado fenômeno observado no universo físico. Ele baseia-se em leis que regem este universo. Mostra que o fenômeno é efeito de uma determinada lei. Mas para fazer esta interpretação, o cientista precisa, primeiro, estabelecer ou conhecer esta lei. Isto ele fez pelo raciocínio dedutivo. A dedução só se tornou possível ou praticável

após a descoberta da lei feita pelo método indutivo. Na prática, portanto, os dois tipos de raciocínio ou métodos são inseparáveis.

Mesmo na matemática, que é essencialmente dedutiva, não podemos depender só da dedução. Isto se verifica, por exemplo, em operações, ou, antes, em verdades estabelecidas pelo raciocínio e aceitas pela nossa natureza racional como necessidade lógica. Quando o matemático faz uso de um teorema em suas operações, ele somente o pode fazer depois que o teorema foi estabelecido pelo raciocínio indutivo e como necessidade lógica. A separação formal entre a dedução e indução só se faz na lógica e para fins didáticos, ou para analisar objetivamente os processos de raciocínio. Nas ciências aplicadas, porém, a dedução e indução formam um só processo chamado, “método científico”. A interpretação de fenômenos do universo físico e da vida social em termos de leis já conhecidas é processo dedutivo, mas o estabelecimento destas mesmas leis é, por sua vez, processo indutivo. A indução, descobrindo leis na base de experiências particulares, torna-se assim base para a dedução ou para a interpretação de outras experiências particulares como efeitos das mesmas leis.

A interpretação teológica também depende do método científico, ou misto, formado pela dedução e indução. Quando interpretamos, por exemplo, a revelação de Deus, dada em forma de mandamentos, usamos o método dedutivo. Partimos dos mandamentos e deduzimos as suas possíveis aplicações ou significados para casos particulares. Quando, porém, interpretamos a revelação divina dada em forma de experiências particulares ou históricas que representam princípios universais, mas que não estão explicitamente declarados, então precisamos usar o método indutivo para determinarmos estes princípios. O teólogo, quando interpreta a vontade de Deus explicitamente expressa na Escritura Sagrada, usa o método dedutivo. Quando, porém, interpreta a ação de Deus nos acontecimentos históricos relatados nas Escrituras, ele usa o método indutivo. A interpretação teológica, pois, precisa ser científica, baseada em raciocínios dedutivo e indutivo. Precisamos interpretar tanto a revelação explícita na Palavra de Deus como também

a revelação implícita na sua ação na histórica, revelação esta cujo significado para nós precisamos descobrir pelo método indutivo.

4 Natureza da pesquisa científica (Baseada em “A Modern Instruction to Logic” – Stebbings). a) Ordem e o método científico. O pensamento científico é controlado, orientado ou metódico. Sua finalidade é organizar fatos que, originalmente, foram apreendidos como fragmentários, desconexos, ou, talvez, mesmo como discordantes entre si. Organização verifica-se em descobrir as relações pelas quais um fato está ligado ao outro. Quando fatos isolados são relacionados entre si então surge o sistema, ou o todo. Ordem, portanto, não é a mesma coisa que sistema. Ordem refere-se a fatos particulares; sistema refere-se ao arranjo ordenado que resulta da ordem. O simples conceito de ordem não é necessário para as finalidades da ciência. Quando tratamos de explicar o que é ordem, é melhor usar o termo “elementos”, pois estes então podem ser considerados como indivíduos, como fatos, como objetos de qualquer espécie. Classificar não é só organizar ou agrupar na base da característica geral da classe de que se trata. Ex.: batista, apóstolo etc. No sistema, porém como ordenação, o indivíduo está ligado com os outros indivíduos formando um todo. Quando sabemos como está organizado um grupo de elementos, então temos base para inferência. Organização refere-se a elementos; sistema refere-se ao arranjo ordenado ou resultado da organização. O pensamento científico trata essencialmente da própria organização ou da ordenação dos fatos de que trata. A ciência não está interessada apenas em fatos, mas sim em fatos ordenados. Tem a sua origem no esforço de coordenar os fatos da experiência sensível. Fatos isolados são inúteis para a ciência.

b) **“Ciência” e “método científico”** Não é possível definir com precisão o que se entende por “ciência”. É possível, no entanto, pôr em destaque as características que distinguem os ramos do conhecimento, que são chamados “ciências”, dos outros ramos que não são assim chamados. O que constitui uma ciência é a espécie de fatos nela estudados. As ciências naturais, por exemplo, estudam os fatos obviamente relacionados com a experiência sensível, ou chamados

“sensíveis”. O fato sensível é fato observado. A mera coleção de tais fatos, porém, não constitui uma ciência.

O que ainda é necessário para constituir uma ciência é a atitude adequada para com os fatos e o método predominantemente lógico. Por isso o estudante de lógica está interessado na ciência. As exigências deste método determinam se um fato observado é matéria adequada para a ciência. O cientista, pois, seleciona os fatos que podem ser tratados de acordo com o seu método. Temos aqui, portanto, duas características essenciais à pesquisa científica: A seleção de uma determinada espécie de fatos e o uso de uma determinada espécie de método. É o método empregado que determina se um determinado estudo é “científico” ou “ciência natural”. A distinção entre um ramo da ciência natural e o outro ramo é determinada pela classe de fatos de que se trata. Quanto menos rigoroso é o método, tanto menos desenvolvida é a ciência.

As ciências naturais estão interessadas, pois, na pesquisa de fatos observáveis de acordo com um determinado método. Esta ênfase no método ajuda-nos a compreender que também a matemática é uma ciência. A matemática, porém, difere fundamentalmente das ciências naturais. Uma proposição matemática não depende daquilo que pode existir. A diferença entre a matemática e as ciências naturais é a diferença entre a ciência pura e a ciência empírica; note-se bem, entre a ciência pura e a ciência empírica e não entre a ciência pura e a aplicada. Os fatos, que constituem as ciências naturais, são empíricos; as proposições matemáticas, porém, não dependem da experiência. Devido a esta independência dos fatos empíricos, a matemática é a uma ciência dedutiva e emprega o método de demonstração exata. A matemática, portanto, é uma ciência formal, ao passo que as ciências empíricas dependem da generalização baseada na experiência. As conclusões destas não são demonstradas, mas são verificadas pela observação sensível. A ciência empírica envolve a indução.

As ciências são, portanto, ramos de conhecimento organizado ou coordenado. O método usado na coordenação da sua matéria é o “método científico”. O adjetivo “científico”, no entanto, geralmente, é usado num sentido mais amplo do que o seu substantivo correspondente

“ciência”. O termo “método científico” é usado para caracterizar todo pensamento que conduz a conclusões razoavelmente aceitáveis. A “mente científica” é aquela que baseia as suas conclusões em fatos objetivos e relevantes e não em preferências pessoais.

c) **Senso comum e o método científico.** A ciência tem sido descrita como senso comum organizado. A ciência, porém, difere do senso comum no grau de organização e nos tipos de ordem visada. A ciência, certamente, surgiu do conhecimento de senso comum; surgiu da necessidade que o homem tem de conhecer e de controlar o seu ambiente, ou de explicar casos particulares ou desconhecidos relacionado-os com os outros casos já conhecidos, usando e verificando suposições para este fim.

Vejam agora os passos da pesquisa que começam no senso comum e que levam ao método científico. Estes passos são: A observação em alguma situação familiar de algum fato peculiar ou que não se podia esperar; formação de uma hipótese para estabelecer relações entre o fato inesperado e outros fatos já conhecidos; desenvolvimento dedutivo da hipótese; verificação das consequências dedutivas apelando para fatos que podem ser observados. A verificação se faz com fatos que não precisam ser explicados. O motivo que leva a uma pesquisa é o inesperado. Só a mente excepcional pode sair do que é costumeiro para examinar o que é óbvio. Explicar fatos é organizá-los em um sistema. O homem do senso comum examina só o que particularmente é relevante. O cientista, porém, vai mais longe. As fases da pesquisa acima referida representam o método indutivo.

Uma suposição, relacionada com um grupo de fatos, e que precisa ser explicada, pode tornar-se em uma série de sugestões quanto ao que poderia acontecer em determinadas condições. A suposição, que geralmente liga fatos é o que se conhece como “hipótese”. Quando suas consequências são verificadas por observação direta, surge novas evidências favoráveis ou contrárias à aceitação da suposição original. Todo arranjo deliberado de condições constitui uma experimentação. Há sempre uma alternância constante entre a observação e a hipótese quando se procura explicar um fato inesperado. A suposição, que vai

além da observação imediata, liga o fato em questão com outros fatos que tem sido ou que podem ser esperados e observados.

O senso comum usa apenas de modo superficial o método de observações alternadas e hipóteses que tem sido aperfeiçoado por pensadores científicos para o tratamento de problemas complicados. O desenvolvimento da ciência, começando com o senso comum, nunca surgiu como fosse um começo radicalmente novo em dado momento, mas sim como aproximações sucessivas. O pensamento do senso comum difere do pensamento científico em dois sentidos: O primeiro é fragmentário; pula de um fato para outro. O segundo usa muito menos pressuposições e alcança, portanto, um grau mais elevado na organização. O homem comum é capaz de considerar o seu problema como caso isolado dos outros problemas. O cientista, pelo contrário, considera o problema como isolado apenas temporariamente e ligado a outros problemas que também precisam ser considerados para a solução do primeiro. O senso comum trata do problema como fato simples ao passo que a ciência trata mais das suas ramificações.

d) Conhecimentos adequados necessários para o método científico. Antes de considerar um problema, é necessário ter um conhecimento prévio e adequado e referente à situação do mesmo problema. Mais conhecimento é necessário ainda para que ocorram sugestões frutíferas à mente do pesquisador que trata da solução do referido problema. A ciência só se desenvolve na base de um corpo de conhecimentos sistematizados e acumulados. Para a solução do problema não basta conhecer apenas exemplos científicos que se encontram em compêndios de lógica. O método científico não se apresenta para sugerir o método de fazer descobertas. O único meio de conhecer o que é este método é o homem efetuar uma pesquisa científica para a solução de algum problema propriamente seu. Não se pode conhecer o método científico analisando apenas exemplos escolhidos por outros, mas sem solucionar algum problema de experiência pessoal. O estudo de compêndios só pode mostrar a importância e a necessidade de conhecimentos adequados e de combiná-lo com discernimento pessoal. Para que o detalhe de uma determinada situação possa ser percebido ser a chave para a solução do

problema, são necessários amplos conhecimentos prévios e um treinamento científico. Além disto, é preciso também que o possuidor de tais conhecimentos esteja em circunstância tal onde ele possa observar pessoalmente a ocorrência do fato. Só quem está dentro do problema pode perceber estes detalhes. O conhecimento relevante e a oportunidade, embora essenciais, todavia, nem sempre são suficientes para solucionar problemas. É necessário também o discernimento científico que caracteriza o gênio e que não pode ser descrito em termos de regras.

e) **A forma do método científico.** Começando com o senso comum, o problema inicial da ciência é a ordenação dos fatos da experiência sensível. Considera-se como “fato” tudo de que se trata no caso. Determinar o que este “caso” é, é problemático, pois é preciso saber se trata-se de uma coisa em suas relações, ou de suas propriedades. Os fatos são complexos assim como o são as proposições. Quando a proposição é sobre o mundo exterior, então o fato, por ela expresso, é um estado atual das coisas. É nesta espécie de fato que estamos interessados no momento, pois os dados da ciência são dados que podem ser observados. Não é fácil estabelecer uma separação exata entre o que observamos e o que inferimos. Para o nosso fim aqui basta notarmos o fato, como ele se apresenta, e uma interpretação do mesmo que pode tornar-se uma teoria elaborada sobre tais fatos. Na sua interpretação o cientista procura afirmar aquilo que acontece sempre e não o que acontece apenas às vezes. O cientista está interessado na correlação de grupos de propriedades. Generaliza partindo de casos particulares. O meio pelo qual o cientista obtém uma generalização verdadeira é o método científico.

O cientista considera fatos particulares somente para formar generalizações de abstração crescente. Toda observação envolve abstração, ou a seleção de alguma coisa que ainda não foi observada. O reconhecimento de uma determinada situação como sendo fato, implica que este foi aprendido como estando relativamente separado do seu meio. O reconhecimento de uma qualidade implica que esta foi aprendida pelo processo de abstração de outras qualidades com as quais ela realmente também se apresenta como fato. Abstração pode ser de

vários graus. Proposições gerais podem ser empíricas ou uma generalização empírica, por exemplo, com que a ciência começa. Toda classificação indica que houve uma generalização. Muitas classes existem que precisam ser reconhecidas como tais mesmo antes de haver ciência como, por exemplo, a classe de seres vivos nas qual podemos prosseguir a pesquisar as propriedades da vida; a classe de coisas materiais, na qual podemos pesquisar as propriedades da matéria. Nesta pesquisa descobre-se então que o que valem para fins científicos são as propriedades e não a coisa substantiva da qual são as mesmas propriedades.

5 – Aspectos práticos do método científico. (Cohen & Nagel). O método científico é a técnica mais segura, criada pelo homem para ele poder compreender o fluxo das coisas e formar crenças sólidas. Alguns dos aspectos práticos e fundamentais deste método podem ser resumidos como seguem:

a) **Fatos em estudo e o método científico.** O método científico não procura impor sobre o fluxo das coisas os desejos e as esperanças do homem. Certamente este pode usar o método científico na busca da satisfação desses desejos. O êxito disto, porém, depende de uma busca deliberada e sem qualquer interesse pessoal para tirar proveito da estrutura que o fluxo das coisas apresenta.

O método científico visa descobrir o que os fatos são em si e o uso deste método precisa ser orientado pelos próprios fatos como eles mesmos se apresentam. Para descobrir o que os fatos são, é preciso usar de reflexão. O conhecimento desses fatos não pode ser equacionado com o imediatismo imprevisto das nossas sensações. Quando, por exemplo, a nossa pele está em contato com objetos de alta temperatura, ou com ar líquido, as nossas experiências podem parecer semelhantes. No entanto, não podemos afirmar sem perigo de errar, que estas experiências sejam as mesmas. A experiência sensória é sempre um problema para o conhecimento, pois ela se apresenta como imediata e final. Para termos um conhecimento da mesma, precisamos analisá-la primeiro refletidamente.

A pesquisa científica só é possível quando sentimos a existência de um problema. Não pode ser iniciada senão depois de ter havida alguma seleção ou peneiramento da matéria. Para tal seleção dependemos de uma hipótese, pré-conceituação, pré-julgamento para que guie a nossa pesquisa e estabeleça os limites da matéria. Toda pesquisa é específica. É inútil colecionar “fatos” a não ser quando há algum problema ao qual podemos relacioná-los.

A formulação de outros problemas, cuja solução ajuda a solucionar um determinado problema que está em foco, é coisa rara e obra de um gênio extraordinário. Os nossos problemas de vida diária, caso tenham solução, podem ser resolvidos pela aplicação do método científico. Tais problemas não levantam, porém, outros problemas maiores. As mais impressionantes aplicações do método científico aparecem nas ciências naturais e sociais.

Os fatos que se buscam na pesquisa são proposições cuja veracidade seja bastante evidente. Portanto, o que são estes “fatos”, só pode ser determinado no decorrer da pesquisa e não antes. Também, para descobrirmos os “fatos” dependemos do próprio desenvolvimento da pesquisa. Não existe nenhuma linha divisória exata entre os fatos e os nossos palpites e hipóteses. Durante a pesquisa, a proposição pode passar da condição de hipótese para a de fato, ou de fato para a de hipótese. Todo “fato”, portanto, pode ser desafiado quanto à sua evidência na base do que se entende por ser fato, mesmo quando não haja nenhum desafio ao mesmo.

b) **Hipótese e o método científico.** O método da ciência seria impossível se hipóteses, sugeridas como soluções, não pudessem ser elaboradas em detalhes para revelarem o que elas mesmas implicam. O sentido completo da hipótese precisa ser descoberto através das suas próprias implicações. Hipóteses são sugeridas ao pesquisador por alguma coisa que está na própria matéria em estado e por algum conhecimento prévio que ele tem de outras matérias. Não há regras para a formação de hipóteses úteis nem para a descoberta de problemas significativos.

Hipóteses são necessárias a cada passo no prosseguimento da pesquisa. Os princípios gerais ou as leis, mesmo as comprovadas em pesquisas anteriores, não podem ser aplicadas mecanicamente no caso. As leis gerais de qualquer ciência só podem funcionar como hipóteses para orientar a pesquisa em todas as suas fases. Hipóteses devem ser consideradas apenas como sugestões de possíveis relações entre os fatos em foco e os imaginários. A questão da veracidade de uma hipótese, portanto, nem sempre precisa ser levantada. O aspecto essencial de uma hipótese é que esta deve ser em condições de ser apresentada numa determinada forma de modo que as suas implicações possam ser descobertas pelos cominhos lógicos.

O número de hipóteses que podem ocorrer ao pesquisador é ilimitado. Depende de sua imaginação. É necessária, pois, uma técnica de escolher entre as sugestões alternativas e de ter certeza de que as teorias diferentes realmente são alternativas e não apenas aparentemente. Talvez a parte mais importante e a mais explorada e tal técnica é a técnica de inferência formal. Para este fim é preciso conhecer bem a estrutura da lógica formal. O leitor precisa ter uma noção adequada do significado de uma validade formal e uma vista panorâmica da força e do alcance da lógica formal.

É conveniente ter à mão ou em reserva, por assim dizer, diferentes hipóteses cujas consequências já tenham sido exploradas. Cabe à matemática provar e explorar hipóteses alternativas. A matemática recebe sugestões sobre as hipóteses das ciências naturais em estudo. Estas são devedoras à matemática pelas sugestões sobre o tipo de ordem que a sua matéria inclui. A elaboração dedutiva de hipóteses é a única tarefa do método científico. Podendo haver uma pluralidade de hipóteses, cabe ao pesquisador determinar qual das possíveis interpretações ou soluções do problema está mais em harmonia com os fatos. Considerações formais, portanto, nunca são suficientes para se estabelecer a verdade lógica de qualquer teoria.

Nenhuma hipótese, que apresenta uma proposição geral, pode ser demonstrada ser absolutamente real e correta. Tal pesquisa que trata da matéria de fatos usa a inferência provável. Cabe ao pesquisador selecionar a hipótese mais provável e baseada na evidência dos fatos;

cabe ao exame posterior achar também outras evidências baseadas em fatos, que poderá aumentar ou diminuir a probabilidade da teoria.

c) A evidência e o método científico. O método científico é caracterizado pela dúvida sistemática. Não há dúvida, certamente, de tudo o que seria impossível. Discute, porém, tudo o que não tem evidência adequada a seu favor. A ciência não se satisfaz com uma certeza apenas psicológica. A mera intensidade com que é mantida uma crença não garante a sua veracidade. A ciência exige e procura bases logicamente adequadas para a proposição que apresenta.

Nenhuma proposição singular sobre a matéria de fatos está fora de toda dúvida significativa. Nenhuma proposição está tão bem apoiada pela evidência que uma outra evidência não possa aumentar ou diminuir a sua probabilidade. Contudo, embora nenhuma proposição seja indubitável, o conjunto de conhecimentos que a apóia e do qual ela faz parte, está melhor alicerçado do que qualquer outro grupo alternativo de conhecimentos.

A ciência está sempre pronta a abandonar qualquer teoria quando os fatos o exigem. Mas estes realmente devem ser fatos para exigí-lo. Não raro uma teoria é modificada para manter a sua substância embora os “fatos” contradigam uma formulação sua anterior. O procedimento científico realmente é mistura de disposição para mudar e de teimosia para manter teorias aparentemente incompatíveis com os fatos. Toda verificação de teorias é sempre apenas aproximada. Mostra que, dentro da margem de erros de experimentação, esta mesma experimentação é compatível com a hipótese verificada.

d) O lugar do sistema no ideal da ciência. O ideal da ciência é alcançar a inter-relação sistemática dos fatos. Proposições isoladas não constituem ciência. Tais proposições só servem de ocasião ou motivação para o estabelecimento de conexão lógica entre elas e outras proposições. O “senso comum” dá-se por satisfeito com uma coleção miscelânea de informações. As proposições de senso comum, portanto, geralmente são vagas, com escopo de aplicação desconhecido e com a compatibilidade mútua geralmente discutível. São óbvias, portanto, as

vantagens em descobrir um sistema entre os fatos. Uma condição para o estabelecimento de um sistema é buscar a precisão nas afirmações que e trazem. Isto torna definido o limite dentro do qual as proposições são verdadeiras. Além disso, gradualmente são eliminadas as inconsistências entre as proposições apresentadas, pois, se estas fazem parte de um sistema, então devem apoiar e corrigir umas as outras. Isto aumenta também a extensão e a precisão de nossa informação. Assim o método científico difere dos outros métodos na precisão e no número dos fatos que estuda.

Quando a ciência, como frequentemente acontece, abandona uma teoria por outra, é erro pensar que a ciência faliu ou que seja incapaz de descobrir a estrutura da matéria que estuda. Tais mudanças indicam, pelo contrário, que a ciência está realizando progressivamente o seu ideal. Tais mudanças surgem da correção de observações ou de raciocínios anteriores e tal correção significa que estamos alcançando um conhecimento mais seguro dos fatos.

O sistema ideal exige que as proposições apresentadas como verdadeiras estejam relacionadas entre si de modo a não dar lugar a proposições posteriores de pouca ou de nenhuma evidência. Num sistema as proposições não relacionadas e as de sem evidência são em número mínimo. No sistema as exigências de simplicidade, como se acham expressas no princípio da navalha de Occan, estão satisfeitas em grande medida. O referido princípio declara que não se deve multiplicar entidades além da necessidade. Isto, porém, não deve ser interpretado como exigência de que tudo o que pode ser provado, deva ser provado. O sistema ideal certamente exige isto.

A evidência a favor de proposições, pertencentes a um sistema, aumenta mais rapidamente do que a favor de proposições isoladas. A evidência para uma proposição pode vir no momento de sua própria verificação, ou da verificação de outras proposições relacionadas com a primeira do sistema. Este caráter sistemático das teorias científicas oferece altas probabilidades para as proposições individuais de um sistema.

e) **Natureza de correção própria do método científico.** A ciência não procura obter apoio para suas proposições a qualquer preço. Estas precisam ter o apoio de uma evidência logicamente aceitável e esta deve ser posta à prova pelos cânones de inferência necessária e provável, já conhecidos. O método da ciência, portanto, é mais estável, mais importante para os homens da ciência do que qualquer resultado particular alcançado através dos seus recursos.

Em virtude do seu método, todo empreendimento da ciência é um processo de correção própria. A ciência não apela para nenhuma autoridade ou revelação cujos pronunciamentos são indubitáveis e finais. Ela não pretende à infalibilidade, mas confia nos seus próprios métodos para desenvolver e pôr à prova hipóteses e para obter conclusões seguras. Os cânones da pesquisa se descobrem no processo de sua meditação e podem ser modificados no prosseguimento do estudo. O método científico torna possível a percepção e a correção de seus próprios erros mediante a sua aplicação continuada.

Proposições só podem ser estabelecidas mediante o método de seleção repetida. As proposições apresentadas pela ciência para estudo, portanto, ou são confirmadas em todas as suas possíveis experimentações, ou são modificadas de acordo com a evidência. Esta natureza de correção própria do método permite-nos a desafiar qualquer proposição e também nos assegura que as suas teorias, aceitas pela ciência, são mais prováveis do que qualquer outra teoria alternativa. Por não exigir nenhuma outra certeza além do que a sua própria evidência permite, o método científico alcança mais certeza lógica do que qualquer outro método.

No processo de reunir e julgar a evidência há um apelo alternativo e constante de fatos para princípios e de princípios para fatos. Intrinsecamente nada há indubitável; não há em absoluto princípios primários no sentido de serem evidentes por si, ou que precisem ser conhecidos antes de qualquer outra coisa. O método científico é circular. Nele obtemos evidências a favor de princípios apelando para o material empírico que é alegado ser “fato”; nele selecionamos, analisamos e interpretamos o material empírico na base de princípios. Devido a este processo alternativo de dar e de tomar fatos e princípios,

tudo o que é dubitável, mais cedo ou mais tarde, cai num escrutínio rigoroso.

III – Relação Entre Teologia e Outras Ciências.

Para compreendermos o método da interpretação teológica precisamos conhecer o lugar que a Teologia ocupa entre as ciências e as características distintas da mesma. Portanto vejamos:

1 – Teologia na classificação das ciências. Entre as várias ciências ou ramos de conhecimento organizado, Teologia é a ciência mais complexa tanto em sua matéria como também no método. A interpretação de generalidades, portanto, é mais restrita na Teologia do que nas outras ciências. A sua complexidade está no fato de que a Teologia interpreta a experiência humana em todos os seus aspectos: individual e coletiva; e em todas as suas relações: religiosa, moral, social e física. Interpreta ainda essencialmente todas as coisas do ponto de vista de Deus ou na base da sua revelação.

2 – Dependência da Teologia de conhecimentos científicos. Sendo uma ciência e obra humana, a Teologia procura interpretar também todas as coisas do ponto de vista humano e o seu significado prático e imediato. Nesta interpretação de caráter duplo a Teologia segue, pois, o método da revelação divina e também o método científico formulado pela mente humana. A Teologia não formula, na base do raciocínio, as leis ou princípios que interpreta. Antes procura descobrir esses princípios ou a verdade revelada aos homens por Deus através da experiência empírica, pessoal e histórica. A Teologia interpreta a revelação de Deus dada explicitamente como também interpreta a revelação implícita e universal dada na experiência particular. O descobrimento e a aplicação prática da revelação de Deus, dada através da experiência individual ou coletiva, depende dos diferentes tipos de raciocínio ou do método científico assim como isto se verifica com a

descoberta de conhecimentos no campo da filosofia e da ciência. A interpretação teológica da aplicação prática da revelação de Deus, dada em forma de princípios, por exemplo, depende do raciocínio dedutivo. Por outro lado, a interpretação da revelação, dada em forma de experiência histórica, física, ou social, depende, para sua aplicação objetiva ou externa, dos métodos que são usados nas outras ciências que interpretam a experiência nesses mesmos campos. A interpretação da revelação, dada num determinado campo de conhecimento, depende do método científico usado naquele mesmo campo.

IV – Métodos Científicos Essenciais à Interpretação Teológica.

Estamos interessados aqui principalmente nos métodos das ciências e não, necessariamente, nas matérias nelas estudadas. Estas, certamente, são também essenciais à interpretação teológica da religião cristã. O teólogo, porém, não precisa ser um especialista nas ciências, mas precisa, certamente, conhecer os seus princípios gerais e métodos para poder orientar-se na interpretação teológica da experiência. Vamos focalizar aqui a necessidade dos métodos das ciências na interpretação teológica sem qualquer tentativa para descrever estes mesmos métodos em detalhes.

1 – Método das ciências históricas na interpretação teológica. Entre as ciências morais e sociais, a história é a primeira que constitui o fundo para a interpretação teológica. O método usado na interpretação da história é de necessidade mais imediata do que os métodos das outras ciências morais e sociais. A história é o campo da revelação objetiva ou da experiência religiosa, por excelência. Embora a experiência religiosa e o conhecimento desta sejam essencialmente subjetivos, esta mesma experiência, para a sua interpretação teológica ou racional, precisa ser considerada primeiro no seu contexto histórico, ou nos seus aspectos externos.

A interpretação da revelação divina, dada através da experiência histórica, depende imediatamente, pois, do método usado no estudo da

história e está também condicionada pelas limitações e problemas que este estudo apresenta. A interpretação de fatos históricos, quanto às leis ou princípios neles operantes, por exemplo, não têm a precisão que se observa no método das ciências psicológicas e principalmente nas físico-químicas. A interpretação de fatos históricos depende ainda de informação indireta, do testemunho e autoridade de terceiros; depende da fidelidade e imparcialidade destes em relatar e da sua capacidade para julgar os eventos. No estudo de fatos históricos, o teólogo não pode examinar ou verificar por si a veracidade das narrativas nos documentos. A interpretação da histórica não oferece ainda a precisão científica ou objetiva que capacita o historiador e o teólogo, por exemplo, a predizer fatos históricos que irão se verifica ainda no futuro. A interpretação da revelação de Deus, dada em forma de experiências históricas, não oferece, pois, uma certeza objetiva ou científica no sentido de prever ou predizer eventos que irão ainda acontecer. O teólogo não pode interpretar, com precisão científica ou objetiva, os aspectos externos das experiências religiosas que se verificaram na história. Tal precisão científica, alias, não é a finalidade da interpretação teológica. Isto, porém, não prejudica nem diminui a interpretação teológica do valor essencial de fatos históricos que transcende os seus próprios aspectos externos. Significa apenas que a Teologia, na interpretação do significado de experiências históricas, não aplica os mesmos critérios que são usados em outros campos de conhecimento. A finalidade da interpretação teológica de fatos históricos é orientar a conduta do homem e não é explicar e prever fenômenos.

2 – Método das ciências psicológicas na interpretação teológica.

Para a interpretação teológica da experiência religiosa não basta apenas conhecermos a história desta mesma experiência. Esta precisa ser estudada em si pela psicologia, pois é a ciência que estudada a experiência em si. A experiência religiosa na história, portanto, não poderia ser interpretada teologicamente sem o conhecimento da psicologia. O teólogo precisa conhecer a psicologia e particularmente a psicologia da religião. A natureza das manifestações religiosas do homem, ou as motivações e objetivos das expressões espontâneas do

sentimento religioso do homem só podem ser interpretadas na base do conhecimento e uso do método das ciências psicológicas.

3 – O método das ciências naturais na interpretação teológica. Na interpretação da experiência religiosa, a Teologia depende também das ciências naturais como sejam: biologia, física e química, ou dos métodos usados no estudo destas. Toda experiência, inclusive a religiosa, embora seja uma realidade subjetiva, tem os seus aspectos externos ou relacionados com a vida e matéria. A revelação de Deus é dada ao homem através dos processos ou leis que regem os fenômenos da vida e da matéria. Não seria possível compreender ou avaliar, por exemplo, os milagres, que a história da revelação apresenta, sem o conhecimento das leis que regem o universo físico. Para discernirmos, por exemplo, que uma determinada experiência ou atuação de Deus é realmente milagre ou fato sobrenatural, precisamos conhecer as ciências ou as leis da biologia, física e química. Sem o conhecimento destas leis ou, ao menos, do seu escopo e limitações, não podemos interpretar a realidade e o significado dos milagres, por exemplo. Para um leigo nas ciências naturais ou tudo é milagre, ou nada é milagre. Não está em condições, pois, de oferecer uma interpretação teológica de milagres que se apresentam na história da revelação de Deus.

4 – O método das ciências matemáticas na interpretação teológica. O raciocínio matemático ou dedutivo é essencial à interpretação teológica da experiência religiosa ou da revelação divina. Tratamos deste método aqui no último lugar não porque a sua necessidade ou utilidade para finalidades teológicas fosse menos importante, mas devido à sua natureza absolutamente racional e sua aplicação universal. Quanto à sua aplicação e valor para fins práticos, o raciocínio matemático é o mais simples ou o mais imediato na análise e aplicação prática de princípios universais. É o método da interpretação do significado de leis gerais para casos particulares. É o método da generalidade maior e essencial para todas as ciências. O método dedutivo é o pré-requisito para toda interpretação: científica e filosófica, inclusive a teológica.

O método matemático ou raciocínio analítico é essencial para a interpretação do significado prático de princípios ou verdades aceitas axiomáticamente ou estabelecidas pelo raciocínio indutivo e aceitas pela nossa mente na base da demonstração. É pelo método dedutivo que descobrimos, como necessidades lógicas, as possíveis aplicações práticas da verdade aceita axiomáticamente. Para descobrir novas aplicações de princípios conhecidos, o raciocínio dedutivo é essencial em todos os campos da experiência. É o método da invenção e do progresso.

Para determinar ou predizer novas aplicações ou efeitos de um determinado princípio ou verdade, o raciocínio dedutivo não depende da experiência para provar a sua veracidade. A experiência externa certamente é válida para exemplificar para terceiros a aplicação da verdade, mas não é essencial para garantir a veracidade de sua conclusão lógica. Para oferecer certeza da veracidade da sua aplicação, o método matemático não depende da demonstração ou experimentação. A sua certeza está na sua própria conclusão como necessidade lógica ou racional. Uma vez aceita a verdade axiomáticamente, ou estabelecida uma lei indutivamente, temos certeza absoluta da operação dos seus efeitos na prática. A necessidade ou a possibilidade da aplicação prática da verdade, estabelecida pelo raciocínio dedutivo, constitui também a garantia da certeza desta mesma aplicação.

Também na interpretação teológica da verdade religiosa o raciocínio dedutivo garante a realização dos efeitos externos desta mesma verdade. A sua certeza é tão absoluta como é absoluta uma conclusão matemática em qualquer campo de conhecimentos científicos. As conclusões práticas da interpretação teológica, deduzidas de princípios axiomáticos ou de leis estabelecidas na base da revelação de Deus como fato da experiência histórica, são tão absolutas como são absolutas as deduções matemáticas nos outros campos da experiência. Esta certeza é determinada ou garantida pelo raciocínio dedutivo como necessidade lógica. A certeza da aplicação da verdade não depende de nenhuma verificação ou experimentação, mas está na própria verdade axiomática

e universal ou estabelecida pelo raciocínio indutivo baseada na revelação divina como experiência histórica.

5 – O método científico na interpretação teológica. Aqui não será necessário explicar que o método científico é a combinação dos métodos indutivo e dedutivo acima estudados. A rigor, estes, na prática não podem estar separados como isto se evidencia nas ciências morais e sociais, por exemplo. Na interpretação de experiências particulares na base de leis ou princípios gerais é necessário que estes tenham sido estabelecidos pelo método indutivo e aceitos axiomáticamente. Também a interpretação teológica se baseia em princípios operantes na história que são conhecidos através de experiências particulares como revelação de Deus e não estabelecidos apenas pela indução humana. Os princípios gerais ou as leis só podem ser conhecidos através de sua operação em experiências particulares. Na interpretação teológica o conhecimento ou o estabelecimento de leis vem como a experiência da revelação pessoal de Deus e a sua interpretação prática precisa ser obra da mente humana.

Na base da nossa consciência religiosa inata, por exemplo, temos certeza da existência de Deus. A realidade de Deus e da sua ação universal em todas as coisas é axiomática para nós. Não vem como dedução lógica ou demonstração científica. A nossa interpretação teológica ou racional desta mesma atuação de Deus na nossa experiência no universo físico, porém, depende de termos a revelação objetiva e pessoal de Deus em nossa experiência particular e de a conhecermos também indutivamente, na base de fatos particulares, como princípio operante na história e no universo. A interpretação teológica da atuação de Deus só pode ser feita na base da sua revelação pessoal e do nosso conhecimento indutivo na mesma como princípio operante em todas as coisas.

A interpretação teológica da nossa experiência tem por base, pois, a aceitação da revelação pessoal de Deus e o nosso conhecimento científico da mesma, como princípio operante na história e no universo. Na ciência a certeza da atuação de Deus apresenta-se como base racional e objetiva em forma de leis ou causas para a interpretação dos fenômenos que se verificam na experiência. Na interpretação teológica,

porém, esta mesma certeza apresenta-se como realidade essencialmente subjetiva e também racional ou objetiva. Tanto numa interpretação como na outra, a certeza objetiva da veracidade de ambas está no seu aspecto racional que se impõe por si à nossa racionalidade. Há, porém, uma diferença entre a certeza das duas interpretações. A certeza científica é impessoal e baseada em experiências particulares e externas, que são limitadas. A certeza do conhecimento teológico, por outro lado, é essencialmente subjetiva ou pessoal antes de ser matemática ou baseada em aspectos externos. Assim como são válidas as leis matemáticas, que se aplicam em todas as ciências, muito mais ainda são válidas as leis da interpretação teológica não só na religião, mas também na ciência. A interpretação teológica, além de ter por base a certeza científica, tem também por base a certeza da revelação pessoal de Deus corroborada e interpretada pelo raciocínio indutivo do homem, na base de experiências históricas. O significado da interpretação das ciências naturais e matemáticas, no seu aspecto pessoal ou ético, depende da interpretação teológica. A ciência, na sua interpretação de fatos particulares e históricos ou no universo físico, por exemplo, depende da revelação de Deus e da sua interpretação teológica como obra do raciocínio humano. O significado da história e do universo no seu aspecto pessoal, que transcende os seus aspectos racionais ou científicos, depende do conhecimento religioso e teológico das experiências particulares que se verificam nos mesmos.

V – Características Peculiares do Método da Interpretação Teológica.

1 – A interpretação de um assunto teológico depende da ciência ou do método usado no estudo da matéria com que o referido assunto está relacionado. Na interpretação de um assunto histórico, por exemplo, precisamos usar os métodos das ciências históricas. Precisamos conhecer também as suas limitações e problemas. Ao mesmo tempo, a interpretação teológica tem também características propriamente suas. Estas, porém, não criam nenhum problema junto aos

métodos das ciências. Pelo contrário, aperfeiçoam e completam a pesquisa e a exposição da verdade. Em última análise, não há nenhuma divergência entre a interpretação teológica propriamente dita e a científica. Para compreender isto, é preciso caracterizar a interpretação teológica e relacioná-la também com a interpretação científica.

2. A Teologia é uma ciência positiva e normativa. Reúne ou abrange em si as características das ciências positivas e das normativas. A interpretação teológica é positiva porque interpreta experiências ou fatos históricos ou objetivos descritivamente. Apresenta as causas ou leis e processos dos mesmos do seu próprio ponto de vista que é o da revelação de Deus. Para descrever eventos históricos com efeitos de determinadas causas emprega o método dedutivo. A Teologia é também normativa porque, na base de causas ou princípios revelados ou operantes na história, estabelece normas para orientar a conduta do homem. A Teologia difere, no entanto, das outras ciências normativas na motivação da conduta. Enquanto nas outras ciências normativas a motivação da conduta ou o ideal da conduta é estabelecido como necessidade lógica, na Teologia a motivação é apresentada como a vontade e o caráter de Deus. Nas ciências normativas a conduta é motivada por uma necessidade lógica, social e estética. Na Teologia, porém, a motivação é religiosa e moral, estabelecida pela revelação e lei de Deus. Ambas as motivações visam o mesmo objetivo, mas de pontos de vista diferentes.

3 – Categorias particulares e universais na interpretação teológica. A Teologia pesquisa e interpreta a experiência religiosa do homem, que é particular e geral ao mesmo tempo. Tanto trata do significado imediato da experiência particular como também do seu significado mediato e universal. Geralmente temos dado mais atenção à revelação particular de Deus e ao seu significado imediato para o indivíduo. Para compreendermos, porém, o significado completo desta mesma revelação particular, precisamos buscar também a sua aplicação universal. Em outras palavras, não podemos interpretar o caso particular a não ser nas suas relações universais. Esta característica peculiar do

método da interpretação teológica está sendo hoje em dia observada também nas outras ciências. Também estas reconhecem que os princípios que causam experiências particulares são também gerais e atuam na experiência universal. Embora a ciência observe e estude experiências particulares, ela realmente não está interessada em experiências casuais, mas só nas que podem ser preditas. Nisto não há, pois, diferença entre o método teológico e o científico.

4 – Ponto de vista da interpretação teológica. Na Teologia a experiência, religiosa ou natural, é interpretada do ponto de vista da revelação de Deus e não do homem. Embora a interpretação teológica seja obra humana quanto à forma, a interpretação propriamente dita ou a verdade em si que o teólogo apresenta é uma revelação de Deus. O objetivo da Teologia é interpretar a verdade como Deus a revelou na experiência e não o significado que o homem possa atribuir à mesma. A Teologia baseia-se na revelação de Deus e não em conclusões do homem. Começa com o espírito e não com a matéria. O método teológico visa alcançar a verdade objetiva ou ontológica e não apenas a subjetiva ou lógica. Esta característica do método teológico de buscar a verdade objetiva está em harmonia com as ciências que também procuram expor a verdade objetivamente de modo que todos possam examiná-la por si. O método científico pressupõe e baseia-se em leis e causas objetivas, mas não trata das origens destas. O método teológico, porém, apresenta ou interpreta também as origens sobrenaturais destas mesmas leis e assim completa o que falta no método científico.

5 – Caráter essencialmente individual ou pessoal do método teológico. No Cristianismo o ideal é cada cristão interpretar por a sua própria experiência pessoal e também a dos outros. Embora esta particularidade não tenha sido devidamente reconhecida nas ciências, mas apenas na filosofia, hoje em dia a mesma está merecendo atenção também nas ciências. Também estas tendem para ser pessoais ao invés para continuarem impessoais. Hoje já se reconhece na ciência que o próprio cientista como pessoa é mais importante do que a ciência que ele representa. Hoje em dia já se afirma que não existe “ciência”, mas

“cientistas” como personalidades e cada um diferindo dos outros na interpretação das mesmas coisas. Na interpretação da religião e particularmente da religião cristã, o ideal é cada cristão interpretar por si a sua própria experiência pessoal ou a dos outros, por ser a experiência de cada uma diferente da dos outros. A interpretação teológica precisa ser pessoal. Em outras palavras, cada cristão precisa ser seu próprio teólogo. Ao mesmo tempo, porém, a sua interpretação da experiência só terá valor teológico ou doutrinário para os outros se ela interpretar também a experiência dos outros. O essencial, porém, é cada cristão procurar interpretar o Cristianismo por si. Do contrário, ele corre o perigo de cair no erro de aceitar a interpretação de terceiros que pode não ter valor doutrinário para todos.

6 – Aspectos universais da interpretação teológica. A teologia, embora seja individual ou pessoal, não se limita apenas a indivíduos. A interpretação teológica propriamente dita transcende o significado, que ela tem para o indivíduo particular. A Teologia trata do significado imediato da verdade para o indivíduo e trata também do significado mediato e universal da verdade. Trata-se de verdades lógicas e da verdade ontológica. É no seu conteúdo ou aspecto universal que a Teologia precisa ser não somente pessoal, mas também científica para ter valor racional para todos. A interpretação particular ou pessoal só terá valor teológico se apresentar também a verdade no seu significado universal ou válido para todos.

VI – A Natureza Espiritual e Ética do Conhecimento Teológico.

1 – A interpretação de assuntos teológicos não depende e nem exige tão somente conhecimentos e métodos científicos como pré-requisitos, por mais necessários que sejam. Exige também e principalmente que o próprio intérprete ou teólogo tenham interesse pessoal ou amor à verdade. Enquanto os conhecimentos de ciências naturais, por exemplo, que são objetivas, neutras ou sem qualidades morais, depende principalmente do raciocínio e do método científico, a compreensão ou a interpretação teológica da revelação de Deus ao

homem depende da atitude moral e do esforço pessoal por parte deste mesmo homem. Mesmo assim ele não pode esperar que somente pela sua inteligência chegará ao conhecimento espiritual e moral da revelação de Deus na experiência. Para o homem conhecer, por exemplo, os aspectos científicos e racionais do universo físico, basta que use a sua vontade, inteligência e raciocínio. Para conhecer, porém, o significado espiritual deste mesmo universo visado por Deus, não basta o homem fazer pesquisas científicas ou especulações filosóficas. O homem pela sua própria sabedoria ou capacidade mental não pode alcançar o conhecimento do propósito espiritual de Deus revelado através do universo. Para isto o homem precisa ter primeiro o conhecimento pessoal de Deus como criador de todas as coisas sem o que o homem não está em condições de compreender o propósito de sua obra (1Co 1.21).

2 – Além disto, o homem precisa reconhecer que a revelação de Deus, tanto no seu significado particular e imediato como também no seu significado mediato e universal, só pode ser compreendida e interpretada teologicamente mediante a orientação e ajuda do Espírito Santo, que é essencialmente o Espírito de verdade, o guia para o conhecimento da verdade. Para interpretarmos a verdade teológica e mesmo a científica no seu significado e aplicação espiritual e ética, não podemos depender só do raciocínio. É necessário buscarmos também a ajuda do Espírito Santo de Deus para recebermos dele o conhecimento da verdade. Para chegar ao conhecimento teológico da verdade o homem precisa buscá-lo com humildade e oração para que Deus mesmo mediante o Espírito Santo lhe revele a sua vontade e a verdade nos seus aspectos espirituais e éticos. O conhecimento teológico não é uma conquista da inteligência humana; é a revelação do Espírito de Deus como fato da experiência. O mesmo acontece também no campo da ciência. Sem o reconhecimento de Deus e da ajuda divina do Espírito Santo, também a ciência não pode alcançar ou interpretar suas próprias finalidades espirituais e éticas. O conhecimento teológico não é metafísico, mas é vida espiritual e ética.

3 – Para progredir no conhecimento teológico, cada teólogo precisa procurar conhecer também as interpretações de outros teólogos. A revelação dada por Deus a um pertence virtualmente a todos. O que um recebeu ou descobriu precisa transmitir para conhecimento de todos. Isto é um dever ético. Para nos desenvolvermos em conhecimentos teológicos como também nos científicos, precisamos aprender uns dos outros e também transmitir uns aos outros, o que aprendemos. O progresso no conhecimento da verdade é, não somente uma necessidade, mas também uma tarefa de cooperação mútua.

4 – A compreensão espiritual e racional da revelação de Deus depende ainda dela ser observada na nossa vida prática. O homem pode obter conhecimentos nas ciências sem, necessariamente, pô-los em prática. O conhecimento teológico, porém, só se verifica no seu aspecto espiritual quando é procurado para ser observado na prática. A sua finalidade não é satisfazer a curiosidade mental, mas orientar e edificar a vida moral e ética. O conhecimento teológico baseia-se na experiência e também se aperfeiçoa na experiência. “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo” (Jo 7.17).

5 – Na interpretação teológica ninguém poderá chegar à perfeição ou dizer a última palavra sobre qualquer assunto. Nisto a metodologia teológica está em harmonia também com o método científico. Hoje também as ciências não pretendem ser absolutas nas suas afirmações. Admitem a possibilidade do seu próprio aperfeiçoamento. Isto não significa, porém, que o conhecimento teológico ou científico, mesmo imperfeito, não seja válido na sua exposição da verdade que se impõe pela sua própria evidência. A possibilidade de aperfeiçoamento nas ciências não modifica a verdade em si e por elas interpretada. Todo aperfeiçoamento na interpretação apenas esclarecerá melhor os aspectos externos e práticos da verdade. A idéia de a Teologia ou as ciências progredirem refere-se tão somente à interpretação da verdade e não à verdade em si, pois esta é absoluta e imutável. Ao invés de esperar ser perfeito ou poder dizer a última

palavra sobre qualquer assunto teológico, cada teólogo ou intérprete do Cristianismo deve procurar fazer alguma contribuição propriamente sua para o aperfeiçoamento dos conhecimentos no campo da teologia. Deve ser o alvo, concorrer para maior edificação mútua dos crentes na sua vida cristã cujo desenvolvimento doutrinário é essencialmente coletivo.

